

FINALISTAS | CONCURSO NASCENTE 2014 | 40 trabalhos

ÍNDICE:

Crônica

- 68 | Minha Primeira Consulta Ginecológica | Wilhelm Rodrigues Macedo Lima
122 | Percurso | Sabrina da Paixão Brésio
177 | Pressão | Matheus Pires Uller
273 | Balança-Perna – Sóleo e Gastrocnêmio | Fernando Bezerra da Silva Filho
277 | O homem-urubu | Luisa Marini Abate
288 | Mulheres, Ressacas e Mosquitos | Rômulo Maciel de Moraes Filho
295 | Ensaio sobre nossos corpos metadimensionais | Danilo Patzdorf Casari de Oliveira
496 | Dies Domini | Pedro Augusto Pinto
619 | Pânico | Maiane Adriele Lucas Ferreira
633 | Petit Gateau | Pedro Augusto de Oliveira Proença
-

Ficção

- 168 | Apartamentos e Quartos | Fábio André Garcia Lélis
191 | A Fruta Suculenta | Marcel Hofling Martins
202 | O ESPELHO NO ESCURO | Alexandre Lopes Rabelo de Moraes
318 | PATCHWORKS | André Gonçalves Mellagi
332 | Como uma paleta sem cores | Laura De Oliveira Cruz
487 | Fabulações | Taís de Moraes Alves
774 | Sob o eco de quem desconheço ou do medo de quem seria | Fabiano Ramos Torres
778 | Andrew: ser de papel | Daniela Simone Terehoff Merino
-

Poesia

- 36 | Tirocínio de Palavras | Gilberto do Canto Silva
129 | Objetos | Arthur Moura Campos
146 | Cantos do Ermo e da Cidade | Daniel Levy Candeias

174 | Veneno da Serpente | Guilherme Evaristo Souza Arjona
181 | Torrão e Outros Poemas | Paulo César de Toledo
186 | eu | Fabio Ferreira de Jesus
207 | Horóscopo Chinês | Carlos Melo de Oliveira Paulino
296 | Manuel, | Carla Possati
304 | Ligia Oceânica – poeira do mar | Alexandre Facuri Chareti
321 | indefinições, tormentos e travessuras | Paulo Renato Minati Panzeri
325 | Mantenha em local seco e arejado | Lucas Rodrigues Valente S. Nunes
361 | Nem isto, nem aquilo | Renan Andrade Holanda
422 | As quatro estações em vinte e quatro horas – Haicais. | Luiz Renato de Oliveira Périco
438 | Poesias | Miguel Said Vieira
453 | Aporia | Luana oliveira de souza
489 | Transversais | Monica Marques
564 | perdi a mão | Ari Marinho Bueno
606 | Variações sobre Celan | Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira
748 | Calendário | Gustavo Mani de Souza

Reportagem

556 | Sobre meninos e deuses | Eduardo Santos

Dramaturgia

352 | A Lua Alta Vive | Jonathas Miranda de Carvalho
559 | Você vai ter que explicar isso | Tiago Luz de Oliveira

TRECHOS DAS OBRAS

68 – Minha Primeira Consulta Ginecológica

(...)

Seis passos. Exatamente meia dúzia de largos passos até chegar à entrada da área ginecológica. Em seguida, pertenceria gloriosamente ao hall masculino da fama: meus netos saberiam que um dia seu avô, bravamente, mesmo contra a vontade do vigia da portaria principal e sem o apoio de amigos e parentes, passou por ali! Bastava ir para o balcão de atendi...

122 – Percurso

Frases perdidas em paredes meio descascadas dialogam com a grande mãe, a *mater Pólis*, clamando por direitos, expondo cruamente suas feridas, declarando seus afetos em qualquer espaço cimentado que as caibam. Enfeiam a cidade? Talvez. Mas trazem pulsão ao concreto, refazendo-se sempre, demão sobre demão de tintas que lhes tentam calar a boca de sprays. A mim, me fazem companhia durante o longo percurso, neste outono gelado, preguiçosamente conversando com meus olhos, antes mudos, agora parte deste diálogo de frases soltas, de pensamentos interrompidos pela mudança de semáforo.

177 – Pressão

Como um acordeão posicionado em silêncio, entramos todos no vagão do metrô e nos comprimimos, sendo expelidos como uma só nota musical, monótona, o som do abrir e fechar das portas, válvulas apertadas todas de uma vez por um técnico de sanfonas.

273 – Balança-Perna - Sóleo e Gastrocnêmio

Um dos trinta itens mais subestimados pela literatura é o balançar de pernas; não aquele que fazemos ao andar, ou aquele de frio, numa tarde de brusca variação térmica em inverno (ou outono) rigoroso.

(...)Não posso acreditar que Bento Santiago, Rodion Rashkolnikov e Iracema não tenham balançado a perna em seus momentos de tensão! E por que diabos nunca escreveram sobre esta reação?

(...)Se somos feitos de estrelas, balançar a perna é nossa herança das pulsares.

277 – O homem-urubu

A história do homem-urubu, por mais bonita que seja, foi só um sonho. Desses que só doze horas ininterruptas de sono conseguem criar. A história da família urubu é real. Dessas que só o ócio é capaz proporcionar. Sabe, os urubus prestam serviços imprescindíveis ao homem. Eles tratam de se alimentar da sujeira que o homem produz. Só mais uma coisa. Tudo isso é uma grande mentira. Uma enorme farsa. Fruto exclusivamente do vômito dos urubus que habitam a minha mente. Sabe, quando os urubus se sentem ameaçados eles vomitam e sopram para afastar aqueles que ousam tirá-los de seus centros de gravidade.

288 – Mulheres, Ressacas, Mosquitos

O celular já não toca com tanta frequência.
Já não vejo o nome dela nas mensagens.
Deve ser isso.
Deve ter sido o carnaval, o cansaço, as mentiras.
Deve ser isso.
Meus olhos devem ter mudado em vez da paisagem.
Meu olfato e audição.
Meu corpo inteiro.
Deve ser isso.

295 – Ensaio sobre nossos corpos metadimensionais

O funk carioca tocado no último volume em locais inocentes é antes o chamar a atenção para este grande corpo social esmaecido do que a afirmação de um único sujeito, de uma única pessoa. O único corpo que dá *play* ao funk, neste momento, é porta-voz de todo o corpo social que produziu esta estética. O incômodo 4

da maioria não vem pela letra geralmente sexualizada e pela dança que explicitamente simula o coito, mas porque o ritmo invade qualquer pessoa, integrando-a lubrificamente a um som que transporta a poesia provinda de uma moral indesejada: tornamo-nos a carne daquele corpo social que relegamos historicamente.

496 – Dies Domini

Como aquela própria cena, aliás, me lembrava, como uma súbita invasão dos dias úteis na minha cidadela residencial domingueira. Só que com o diferencial da alegria pura e efêmera que conseguira com tanto êxito desarmar-me raiva e cansaço. Contemplando a cena, sentia vontade de me juntar a eles, de conhecê-los, de dançar e nadar após erguer outro edifício para que alguém como eu, ingrato, mas humilde, pudesse habitar. Mas as distâncias aéreas

eram enormes, e eu nada fiz para merecer um sétimo dia. Ainda com sono, rendi-me à força dos fatos e fui passar um café, ligar o rádio, ler um jornal, essas coisas que instituem nosso dia por decreto. Não adiantava tentar voltar a dormir: aquela manhã era deles. Me restariam ainda outros seis. Já eles, tinham um só.

619 – Pânico

No terceiro ponto, um rapaz entrou no ônibus: pele branca, altura mediana, parecia ter acabado de sair da adolescência, boné para trás, ouvia funk no celular sem fones. Ela tremeu, ele colocou a mão no bolso para tirar algo.

Pânico. Assaltaria o ônibus assaltaria ela levaria todo o seu dinheiro seu celular novo que ainda estava na terceira parcela talvez atirasse nela talvez roubasse a bolsa inteira que. O garoto tirou a carteira do bolso, pagou, passou a catraca, sorriu para ela “com licença” e sentou-se ao seu lado. Ela fingiu calma. O ônibus lotara no ponto seguinte, e ele cedera seu lugar a um senhor. Agora ela sentia-se envergonhada, abaixou a cabeça e aumentou o volume.

633 – Petit Gateau

Ele sempre associara suas mulheres a alimentos. Talvez fosse uma forma de se lembrar de amores efêmeros quando ele os havia perdido. Ou de dar perenidade às relações que terminaram abruptamente.

(...)Quando se despedia dela, sentia a mesma sensação que acomete todas as pessoas que saboreiam um *petit gateau*: a apetência por mais.

(...)

É possível que aconteça o mesmo que se passou aos seus outros amores? Talvez. Ele pode ficar diabético, o sorvete pode congelar, o bolo, queimar, tantos elementos podem fazer a relação malograr. Mas o fato é isso que não é provável, pois ela o completa, da mesma forma que os dois elementos do *petit gateau* se harmonizam. O bolinho de chocolate e o sorvete de creme ficam bonitos quando juntos, mas, separados, possuem um sentido incompleto. Fato é que ambos são doces um com o outro. E creio que continuarão a sê-lo pelo resto da vida.

774 – Sob o eco de quem desconheço ou do medo de quem seria

E na sequência, atropelando pensamentos e desejos, seu íntimo, as partes dela quentes, prontas, brilhantes, se perguntando também: “Mas o que é que está aqui?” Ela ainda não sabia...mas

isso era um encontro que haveria de mudar para sempre o lugar seguro que inventara para si...

E o medo que lhe tomava aquela manhã era o de se descobrir vivendo em outro lugar, o mais estranho dos lugares... porque era um lugar produzido dentro de si mesma, habitado por desejos inefáveis, daqueles que não se pode dizer e que nos colocam à beira da do

incapturável que é a vida.

778 – Andrew: ser de papel

E o velho voltou a falar. E falou muito. Falou tanto! Que sua voz tornou-se quase um sonho. E a maior parte dos desenhos só foi mesmo embora dali por ter sido obrigada a voltar para a sua lisa rotina desgastada. Na manhã seguinte, enquanto Barênien dormia congelado em seu papel branco outra vez, sentia que algo mudara dentro de si. E sonhava. Pois a imagem do sol como algo capaz de acabar com as paredes amargas que se íam fechando todas as noites sobre seus corpos magros e ressecados era a mais bela que ele poderia ter formado em sua mente desde o dia de sua criação. E o saber que "aquele que encontra o sol, sente um calor dentro de si. Enxerga de repente o que ainda não via.", conforme dissera o velho sábio na conclusão de sua fala, estimulou-o a encontrar o sol de alguma maneira, nem que para isso ele tivesse de partir daquele quarto escuro e sujo para sempre.

129 – Objetos

Objeto XII

Esquento a água
Preparo o tempero
Corto, Descasco
Exagero no sal

Calculo o tempo
Esqueço a panela
Desvio a receita
Fabrico-me nela

146 – Cantos do Ermo e da Cidade

ela fala enquanto ele fala enquanto todos falam sempre falando enquanto não pensam enquanto não agem enquanto não são vão falando simplesmente falando falando de onde quer que seja perseguindo ouvintes no banheiro na rua no mundo falando falando falando não escutam falam falam para ninguém falam para alguém que só fala fala vai falando falando falando mas quem tem intimidade com o silêncio e conhece um bom esconderijo sabe pegar seu carrinho imaginário para subir a serra e, deitado sob uma árvore frondosa, prestar contas com a vida..

36 - Tirocínio de Palavras

Freada de bicicleta

A freada de bicicleta
Em seu virtual triunvirato
Bem no fundilho da cueca
Ou na roda antes do buraco
No futebol, se não completa
É de fato frustração no ato

174 – Veneno de Serpente

O CÉU

O CÉU
NÃO
FODE
NEM
SAI
DE CIMA

181 – Torrão e Outros Poemas

poesia é a ponte
entre fazer do nada som
e este empinar pipa com
a linha do horizonte

196 – Poemas Quebrados

Faltou

A caminhada de casa até a
padaria mais perto se torna um fardo quando
o isqueiro comprado é anúncio
do cigarro esquecido
no caminho já metade percorrido ao
tropeçar da rua que se eleva e
percebe o jogo da energia ao permitir
a ausência de compromisso em um dia
que a promessa da espera se resume em
tomar um banho de chuva
O acaso é só a permutação de pedaços quebrados

207 – Horóscopo Chinês

O rato

Noite sorrateira
O rato roeu a roupa
O rei deu risada

296 – Manuel

Manuel,
Somos todos feitos
de água
de pó
de estrela.
De vida inteira.

Você é feito de voz
feição
feito de cheiro
estrela.

Fogo
Queima e me deixa oca de mim.
Luz
Gela e me deixa certa de mim.

eu, que não sou ciumenta
Por natureza, olho
atravessado para todas as Teresas
E jamais cumprimento
Qualquer Antônia.
(Como conseguiu ela não te amar?).

304 – Ligia Oceânica – poeira do mar

decalque

na tarde de ontem fui devassado
e o que sobrou
espremi em caixinhas, muitas distâncias à fenda na memória
depois esmaguei

propositalmente
para que se misturassem,
momentos redondos em contextos quadrados,
momentos quadrados em contextos redondos,
repisei amareladamente.
alguém perguntou, calei
respondi errado
pra formar uma coisa qualquer sem poupar pá de cal.

já não lembro quase nada
reduzi a umas três palavras
que não são eu,
neologismos compostos por aglutinação com empréstimos em três línguas
- duas antigas e uma moderna -
impronunciáveis.

321 – Indefinições, tormentos e travessuras

Homenagem Póstuma: vitória sofisticada do esquecimento

325 – Mantenha em local seco e arejado

Distrações de bar.

Introdução:

Garçom, me traga agora algum discurso bobo, alguma distração que me faça esquecer a correria dessa grande cidade, sem maldade.

Me traga uma porção de nostalgias, para amaciar com a melhor cerveja que houver. Discursos rápidos e eficazes, para encher meus olhos de lágrimas, mas que não me tomem muito tempo.

Me satisfaço com mentiras, contanto que sejam de valentias, glórias e todo seu Aparato fervoroso, gostaria de um efeito catártico que seja capaz de incendiar o ártico de minha desilusão.

Ponha uma música para mim.

Se não houver Tom Jobim,
Quero ouvir um jazz do bom
Para acompanhar essa birita.

361 – Nem isto nem aquilo

- assalto ao poeta -

ai, mano!
passa os versos, passa os versos!
anda logo, passa pra cá essas redondilhas!
vai, na miúda e não olha pros lados...

manda pra cá os sonetos!
tá escondendo os decassílabos?
passa as rima tudo!

e esses versos livres, tá olhando o quê, porra!?
passa o haicai, vai, vai, vai!
aê, perdeu playboy!

422 – As quatro estações em vinte e quatro horas – Haicais

1. No curto e grosso
O haicai é uma patada
De poesia

438 – Poesias

Lá atrás, pelo caminho
que fomos traçando
fica
o que foi dito.

O nãodito
esse fica
latejando.

453 – Aporia

PARTE E CISÃO.
A origem.
O estudo da negação,
A forma construída em principio de inserção.

É inevitável e fatal o opaco da percepção.
A neblina é justa e fria.
A matéria é clemência de corpo.

Caminho pelo concreto.

Atrás do visível á interação de micro partículas,

Do excesso.

O assalto da prontidão, da descritiva síntese parca e banal.

Uma extensa condução ao estatuto delirante da poesia.

489 – Transversais

Limítrofe

Conhece o seu limite
Na nudez branca da palavra
Mas o limite
o desconhece

564 – Perdi a mão

perdi a mão
nas partes móveis
de uma máquina
que dava poemas

da árvore
dessa minha vida
nem mais um fruto seco
ovulado da mão

em concha
essa mão tenta
ao pé do ouvido
um benefício

sua invalidez rara
essa mão tripartida
trimacerada é luz
emana um cheiro

um suor
que não tive tempo

que não tenho mais como - perdi a mão -
secar da minha voz

as partes móveis da máquina
os frutos secos
minha mão perdida
os poemas mudos

606 – Variações sobre Celan

Porque essa tua
boca
amarga,
com gosto
de verdade,

amarra.

Que eu ouço
sem querer,
dando as costas
surdo,

de vontade.

748 – Calendário

filosofia
sociologia
gramática
filosofia
sociologia
gramática

**não há nada mais racional
que esta minha rotina dramática.**

556 – Sobre meninos e Deuses

Enquanto nos conta a história, num café da Avenida Paulista, um morador de rua se aproxima para pedir um lanche. Inicialmente Raphael não dá atenção, só responde que "não", de canto de olho. No instante seguinte, repensa e diz num tom mais áspero que amigável "pode pegar!" Em seguida, diz ao garçom para trazer um misto quente para o rapaz. O pedinte agradece e Raphael mal toma tempo para ouvi-lo, retoma a conversa anterior. "A gente tá aqui falando de religião e nega comida. O que vão pensar, né?" e dá uma risada desconfortada. Sentado na calçada, a uns 10 passos de nós, o sem-teto espera sua refeição com um rosto vazio, já insensível aos barulhos e passos à sua volta. "Deus o abençoe", responde, ao receber o sanduíche. "A todos nós", responde Raphael.

352 – A Lua alta Vive

Lola - Querido, fique à vontade e sente no Frota. Quando leio Machado e Guimarães Rosa, é onde eu sento e posso viajar... Fiquei muito culta nos últimos dois anos. Esse sofá é mágico, acredite em mim.

Lionel - Por que nos últimos dois anos?

Lola - É uma loonga história. Vou resumi-la dizendo que errei muito na vida, mas tive filhos e tenho o dever de transmitir ao único que sobreviveu o legado da minha miséria, né? (*sorri*)

Lionel - Onde ele está?

Lola - No Rio de Janeiro, com Manuela. Sua mãe, Rosa, a freira, faleceu após o parto.

Lionel - E por que não o viu mais?

Lola - Porque não mereço. Deus e Manuela me deram a oportunidade de conhecê-lo, mas não verei mais meu bebê dos olhos miudinhos. Ao menos vou escrever um belo livro pra ele. Tenho pouco tempo de vida, Lionel.

Lionel - Mas você é jovem, Pedro.

Lola - É a maquiagem (*pausa*). Aliás, penso em desistir disso e trazer o Pedro que sou de volta.

559 – Você vai ter que explicar isso

QP –suportar se aprende. Madrugada de 13 de Agosto de 1961. De mim faziam parte 66,5km de gradeamento metálico, 302 torres de observação, 127 redes metálicas eletrificadas com alarme e 255 pistas de corrida para ferozes cães de guarda. Nem sempre se é aquilo que se quer. Militares davam ordens de atirar para matar – a célebre "Ordem 101" – os que tentassem escapar. Eu vi a morte a 80 pessoas identificadas. Cento e doze ficaram feridas e milhares aprisionadas nas diversas tentativas. Enfim, o "prumo" deve ser sempre checado nos dois tijolos guia e no centro da fiada. Colocar a linha é esticá-la entre os dois primeiros tijolos.

Amarre um prego numa ponta da linha de nylon, enfie na massa fresca embaixo do primeiro tijolo, estique com cuidado e passe pela quina de trás e de cima deste mesmo tijolo. Estique até o outro tijolo, passe pela quina atrás e encima deste segundo tijolo, amarre outro prego e enfie na massa mole deste mesmo tijolo. A linha deve ficar suficientemente esticada para que não faça barriga. Os tijolos - depois de levarem massa nas laterais - devem ser colocados um a após o outro encima da massa já colocada para recebê-los. Assim como os dois primeiros tijolos, os outros devem quase encostar a quina traseira superior na linha. Mas atenção: os tijolos - depois de levarem massa nas laterais - devem ser colocados um a após o outro, um após o outro, um a após o outro, um após o outro, um a após o outro, um após o outro, encima da massa já colocada para recebê-los. Não é fácil, depende de prática, mas também não é um bicho de sete cabeças...